



Suíça: Cantonalismo Geopolítico¹

Therezinha de Castro*

O artigo apresenta uma síntese dos aspectos geohistóricos e da formação geopolítica da Suíça e conclui sobre o risco do separatismo que a Confederação Suíça enfrenta, no momento em que o continente europeu se propõe à federalização, via União Européia.

Festejou a Suíça, em 1991, os seus 700 anos de existência como entidade geopolítica, dando, com outros países da AELC (Associação Européia de Livre Comércio), o primeiro passo para sua entrada na União Européia, no contexto do Espaço Econômico Europeu, que instaurou, a partir de 1993, a livre circulação de bens, de pessoas, de serviços e de capitais.

Não parava por aí o fim do *isolacionismo* ou, como afirmam alguns, do *neutralismo* suíço, com a entrada para o FMI e o Banco Mundial, aprovada por plebiscito, órgão de consulta popular, que, no entanto vetou, em 1986, a adesão do país à ONU.

País de contrastes, todas essas instituições são combatidas por seus cidadãos neu-

tralistas. Enquanto rejeitam a União Européia, acatam a defesa presente em campos de treinamento militar, concordando com a participação de seus soldados nas Forças de Paz da ONU. Opiniões contrastantes, demonstrando que, nessa chamada "ilha de tranquilidade" da Europa, começam a se impor os antineutralistas, gerando para o pequeno país, em consequência, o *vírus do separatismo*.

ASPECTOS GEOHISTÓRICOS

Depois de San Marino, um enclave geopolítico na Península Itálica, a Suíça é a mais antiga república européia. Seu pequeno território com 41.293km² (menor que o nosso Estado do Rio de Janeiro — 44.278km²), é cortado pelos Alpes (58%), possuindo cerca de 12% dos Montes Jura,

* Professora, conferencista de Geopolítica na ECEMAR e na ECEME.

1. Selecionado pelo PADECEME.

aos quais se juntam os vales profundos do Ródano e do Reno (*Mapa 1*).

Entre os Alpes e o Jura se encontra o *Mittelland* (região do meio), impropriamente chamada de *Planalto Suíço*. Trata-se de uma depressão entre os *Lagos Constança e o de Genebra, ou Lemán*, formando um corredor subalpino centrado no Lago de Zurique e de Lucerna, alongando-se de Valence (França) até Viena. Estão aí as colinas férteis servidas por numerosos lagos.

Suas principais cidades — *Genebra/Lausanne*, de um lado, e *Basileia/Zurique* do outro, envolvem *Berna*, a capital do país posicionado no centro da Europa, no entrocamento das vias de circulação entre o norte/sul e leste/oeste.

Politicamente, a Suíça está dividida em 26 *cantões e subcantões* que, em seus respectivos isolamentos culturais, cunharam no separatismo administrativo o termo *cantonalismo geopolítico*. Inexistem aí alfabetos e, a despeito da exigüidade de seus recursos naturais, é um dos países mais ricos do mundo, com US\$ 33.150 por habitante.

Geograficamente, a Suíça está ligada à Europa: no oeste e norte, pelo Reno, abrindo-se, pela Porta de Borgonha, para o Mediterrâneo, através do Vale do Ródano e das passagens alpinas — S. Bernardo/Simplon,² além dos mais interiorizados S. Gotardo/S. Bernardino (*Mapa 1*). Contactando com países atravessados pelo Danúbio, a Suíça soube tirar partido de sua *função entrocamento*,

transformando-se num dos primeiros Estados comerciantes do mundo e potência industrial, a despeito de lhe faltarem matérias-primas.

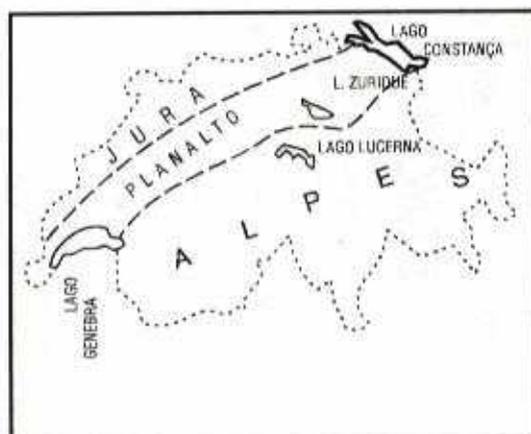
Contando apenas com 10,8% de seu solo cultivável, tem pequena produção de alimentos. No entanto, a extensão razoável de suas pastagens permitiria o desenvolvimento da pecuária ligada às indústrias alimentícias do leite em pó, leite condensado, chocolates, queijos e manteiga.

Com as condições naturais favorecendo-lhe a energia elétrica, mantém sua indústria química consagrada ao setor farmacêutico e de adubos azotados, desenvolvendo a de equipamentos especiais, de aparelhos eletrodomésticos e de instalações fabris. Tendo em vista as barreiras alfandegárias dificultando a venda de seus famosos relógios, especializou-se na exportação de peças avulsas.

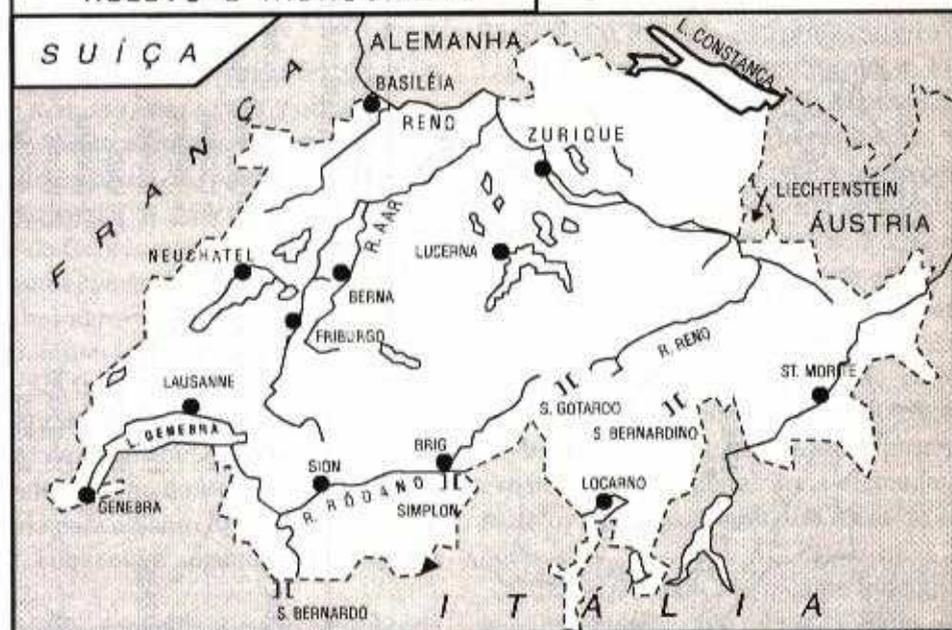
Internamente, é país de grande complexidade, definindo-se pelo equilibrado nos desequilíbrios. Possui três idiomas oficiais — o Alemão, o Francês e o Italiano, falados ao lado do Românico. Sua população, avaliada, em 1991, em 6,820 milhões de pessoas, conta com 70,5% falando o Alemão, usando o dialeto *Schwyzerdütch* no setor voltado para a Áustria/Alemanha. Os de idioma Francês estão representados por 19%, em área voltada para a França. Vivendo no Tessino, em especial, os de língua italiana perfazem 9,5%, nas vizinhanças do Cantão de Grisons, onde cerca de 50 mil pessoas falam o Românico (*Mapa 2*).

2. O Simplon é a importante passagem nos Alpes freqüentada desde a Antigüidade e a primeira a ser provida de estrada carroçável face às necessidades geoestratégicas de Napoleão para invadir, em 1807, a Itália. Em 1906, era dotado de um túnel ligando Itália/Suíça através dos Vales do Toce e Ródano, onde uma ferrovia de dupla galeria de via única, a uma distância de 17 metros uma da outra, estende-se, paralelamente,

entre a cidade suíça de Brig e a italiana de Iselle. O túnel do Simplon se encontra a 700 metros de altitude média e o *Simplon Orient Express* é o trem internacional que por aí trafega, desde Londres até Zagreb, passando por Calais, Paris, Lausanne, Milão e Veneza. Já o S. Bernardo é o Passo que une o cantão de Valais ao vale italiano de Aosta. Também foi utilizado por Napoleão e conta, hoje, com um túnel com 5.826 metros.

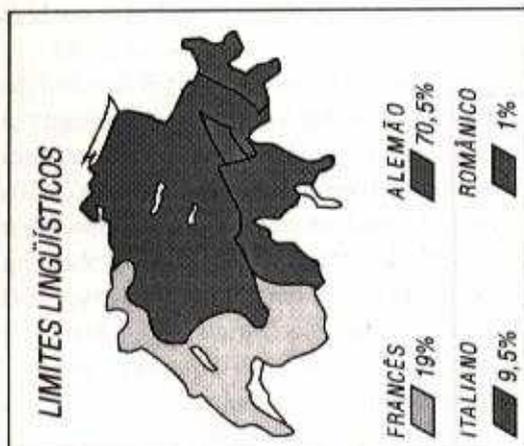


RELEVO E HIDROGRAFIA



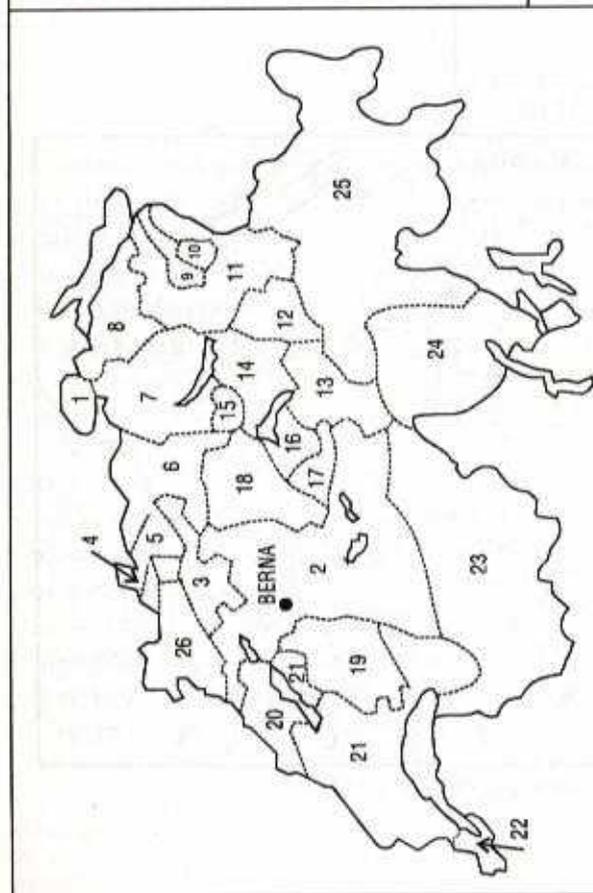
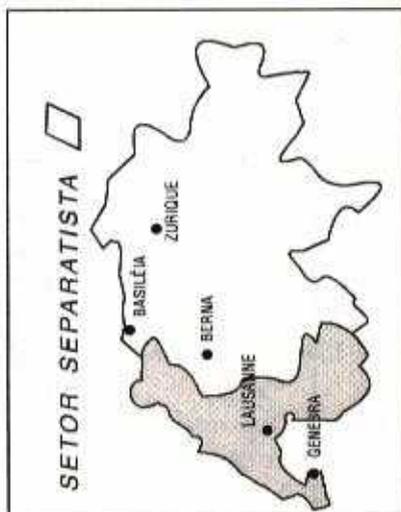
Org. por THEREZINHA DE CASTRO

MAPA 1



SUIÇA

Org. por THEREZINHA DE CASTRO



20 CANTÕES 6 SUBCANTÕES (SUBLINHADOS)

- | | | |
|-------------------|----------------------------------|------------------------|
| 1- SCHAFFHOUSE | 9- APPENZELL
(RHODES - EXT.) | 16- UNTEWALD (NIDWALD) |
| 2- BERNA | 10- APPENZELL
(RHODES - INT.) | 17- UNTEWALD (OBWALD) |
| 3- SOLEURE | 11- SAINT GALL | 18- LUCERNA |
| 4- BALE-VILLE | 12- GLARIS | 19- FRIBURGO |
| 5- BALE CHAMPAGNE | 13- URI | 20- NEUCHÂTEL |
| 6- ARGÓVIA | 14- SCHWYZ | 21- VAUX |
| 7- ZURIQUE | 15- ZUG | 22- GENEBRA |
| 8- THURGÓVIA | | 23- VALAIS |
| | | 24- TESSINO |
| | | 25- GRISSONS |
| | | 26- JURA |

ORG. POR
THEREZINHA DE CASTRO

MAPA 2

Na linha de divergência idiomática segue-se a *desordenada distribuição de católicos* (47,6%) e *protestantes* (44,3%). Daí a existência de enclaves católicos em cantões majoritariamente protestantes e vice-versa, onde são também encontradas minorias judaicas (0,3%).

Dando ainda maior reforço aos contrastes, subsistem *as grandes diferenças territoriais entre os cantões*. O menor, o de Bâle Ville, tem somente 37km², sendo pouco maior que o nosso Arquipélago de Fernando de Noronha (26km²), enquanto o mais vasto, o de Grissons, com 7.106km², excede o nosso Distrito Federal (Brasília), com 5.814km².

FORMAÇÃO GEOPOLÍTICA

O espaço territorial suíço fez parte do *Império Romano* conquistado por Cesar, em 58 a.C. e, como a Europa em geral, enfrentou a *ação invasora dos bárbaros*, no século V. Foi então que os *burgúndios latinizados* fizeram de Genebra a sua capital, enquanto os *alamanos convertidos pelos monges celtas* se estabeleceram além do Aar, antigo Obringa, afluente do Reno pela margem esquerda. Em função desses invasores, se impunha, em 843, a *Suíça Alemânica*, incluída no Reino da Germânia, e a *Suíça Francesa*, integrando o Reino de Borgonha. A primeira entraria para o Santo Império Germânico, em 962, enquanto a segunda seria incluída em 1032.

Além do elemento invasor, contribuiria para a cantonalização geopolítica a feição montanhosa do território isolando as populações locais, muito embora, em contraste, os cantões fossem, aos poucos, se unindo politicamente para melhor enfrentarem o domínio dos Habsburgos. Em conseqüência, a

Confederação tem início, em 1291, com o *Pacto Perpétuo* entre os cantões de Uri, Schwyz, Unterwald (Nidwald e Obwald), terminando esse processo bem recentemente, em 1979, quando o Jura, na fronteira francesa, se uniu ao conjunto.

A História da Suíça *girou sempre em torno dos acontecimentos europeus*, pois só em 1815 o *Congresso de Viena* concedeu-lhe neutralidade perpétua e fronteiras estáveis. Justifica-se assim o fato de ter sido lenta e difícil a sua formação geopolítica e haver sido iniciada por cantões montanhosos, florestais e pobres em torno do Lago Lucerna, transformados no núcleo geohistórico da Suíça, por se posicionarem na *rota de acesso do Passo de S. Gotardo*, ligação estratégica entre a Bacia Renana, na Alemanha, e a Bacia do Pó, na Itália — a primeira, área das Ligas de Comércio no continente, e, a segunda, centro de conexão do Mediterrâneo via Gênova e Veneza com as especiarias vindas da Ásia. Os tributos pagos nesse ponto suíço de passagem obrigatória no comércio com o Oriente fizeram a opulência dos montanhesees, que concediam segurança aos comerciantes medievais. A atividade lucrativa *desenvolveria o desejo de união* de Bâle, Berna e Zurique com o núcleo central geohistórico, propiciando que, em 1499, fosse instituída a *Confederação*. A posterior expansão das fronteiras seria efetuada por motivos políticos e militares, além do econômico.

Tendo o *Salmo Suíço* como hino nacional, limitando-se com a França, Itália, Áustria, Liechtenstein e Alemanha, a Confederação Suíça é bem mais caracterizada que a da União Européia, que o Tratado de Maastricht pretende transformar numa Federação. A Suíça é uma Confederação, na qual *os cantões gozam, cada qual, de auto-*

nomia interna e têm Constituição própria, com Parlamentos locais decretando impostos, organizando a saúde, o ensino, a polícia e a justiça. Tudo isso torna bem real o *cantonalismo geopolítico afeito ao espaço montanhoso*, contributo geográfico das formações humanas particularistas.

Em consequência, a autonomia fiscal irá gerar dificuldades nessa Confederação Helvética,³ onde os mais ricos oferecem os melhores serviços e com melhor desenvolvimento, atraindo emigrados de outros cantões, nem sempre bem recebidos por ameaçarem a "nacionalidade" local. Digase de passagem, "nacionalidade" nem sempre forte, quando entra *em cena o fator religião católica e protestante* — causa da divisão do Unterwald em Nidwald e Obwald, do Appenzell em Rhodes Exterior e Rhodes Interior, e do Bâle em Ville e Champagne, transformados todos os seis em *subcantões* (Mapa 2).

A despeito do dinamismo que a *democracia plurilingüística e religiosa* imprime ao cantonalismo geopolítico, só em 1971 conseguiu-se estabelecer no país o processo de representatividade que concedeu o direito de voto às mulheres.

Na Suíça, o *legislativo é bicameral*. Nele, o *Conselho dos Estados* tem 46 Membros, sendo dois para cada cantão e um para cada subcantão, com mandatos de um a quatro anos, de acordo com a Constituição local, enquanto o *Conselho Nacional* conta com 200 membros eleitos por voto direto

para mandatos de quatro anos. A fórmula mágica para a manutenção do "milagre suíço" parece estar ligada aos grandes partidos políticos Radical Democrático, Social Democrático, Cristão Democrático do Povo e o Verde, cooperando entre si tanto no interior das assembléias legislativas e executivas cantonais, quanto em nível federal. Tornase assim difícil falar de maioria ou de oposição, já que esses *quatro partidos no poder* detêm mais de 3/4 partes dos 200 assentos no Conselho Nacional. E, como os partidos são organizados sob bases cantonais e não federais, os grandes líderes, na maioria das vezes, são desconhecidos nos cantões a que não pertencem.

Os eleitores, por sua vez, também se distribuem segundo a geografia cantonalista. A população católica ou protestante dos cantões rurais centrais é conservadora, declaradamente contrária ao aborto e ao feminismo. Já os cantões periféricos, notadamente os de língua francesa (Genebra, Vaud e Valais) são mais abertos, acatando o voto feminino desde o primeiro *referendum*, em 1959.

O *referendum* e a *iniciativa popular* dão aspecto semidireto à democracia. No entanto, nos direitos de iniciativa exigindo de mil a 5 mil assinaturas ou de *referendum* com mais de 5 mil, a abstenção é, normalmente, grande, chegando por vezes a 60%.

CONCLUSÃO

No momento em que o continente se propõe a uma federalização via União Européia, a *Confederação Suíça enfrenta o risco do separatismo*. A fronteira política que envolve seu espaço vital, mantém diferentes fronteiras geohistóricas, fronteiras essas internas, desdenhosamente chamadas de

3. Nome dado à parte oriental da Gália dos romanos, compreendendo o atual território suíço, ocupado então pelos helvéticos e depois conquistado por Cesar. O termo seria ressuscitado durante o governo aí estabelecido pelo Diretório Francês (1798) e abolido em 1803 por Napoleão. Hoje, o termo helvetismo se liga à maneira de falar o Francês pelos nacionais da Suíça Francesa.

rostigraben, aludindo-se a uma especialidade culinária suíça-alemã, separando os *liberais francófonos* dos *conservadores isolacionistas germânicos*, e pondo, frente a frente, a diferença de comportamento e de cultura cada vez mais acentuada entre os dois povos, mesmo que cidadãos suíços.

A diferença político-cultural e também econômica é marcante entre a *Suíça francesa*, com crescimento estagnado e maior índice de desemprego, *contrastando com o setor germânico*, onde a prosperidade induz a um "nacionalismo xenófobo", tanto de rejeição ao Espaço Econômico Europeu, como de recusa à naturalização dos filhos de emigrantes suíços de outros cantões, e ainda de oposição ao envio de soldados para integrem o contingente dos "capacetes azuis" da ONU.

Os alemães suíços são maioria e, como a Constituição Geral exige dois tipos de maiorias — a de eleitores e a de cantões, os suíços franceses são levados, à semelhança do que ocorre no Canadá de Quebec, ao instinto separatista. E, na Suíça, liderados pelo *cantão de Vaud*, procuram obter maior autonomia, pelo menos por enquanto, como único meio de escapar da supremacia dos suíços alemães.

Cansado do que costuma chamar de "colonialismo e paternalismo dos germanófilos", Jacques Martin, Conselheiro de Estado do cantão de Vaud, afirmava, em 1995, que "uma minoria minorizada não pode continuar no país". Tudo em função de *desacordos quanto a entrada da Suíça na União Européia*, já que o fascínio dos francófilos pela UE, mesmo que ilusória, se liga à esperança da reativação da economia local. E, sem poder conseguí-la, se impõe, sobretudo, o *perigo da secessão* antevista pelo Professor Christian Lutz, que chegou

mesmo a declarar que os jovens desejosos da integração com a UE pelo voto popular agiriam melhor "se fizessem a tentativa para o cantão de Genebra deixar a Suíça e, como *República Independente*, aderir à UE".

Por sua vez, para os líderes separatistas de Lausanne — Jean Philippe Maitre e Simon Epiney — é inegável que, *no espaço suíço, coexistem dois países*, levando os menos radicais a pregar, em vez da separação, *maior autonomia* para combater o mal pela raiz. Nesse caso, cada cantão passaria a ter margem maior de manobra, sem depender da autorização do conjunto para a tomada de decisões vitais. Seria uma espécie de *união livre*, como definem vulgarmente alguns francófonos. É o caso em que, quando um casal não se suporta mais e não lhes convém a separação pública, cada cônjuge deve dormir em quartos separados.

Daf apontarem alguns para a *revisão da Constituição de 1848*,⁴ a fim de reforçar o poder central, acabando com a obrigatoriedade de se submeterem todas as leis e iniciativas populares à dupla maioria — de eleitores e de cantões. Foi essa Constituição que, há mais de um século, instituiu esse princípio, procurando evitar que alguns cantões se desviassem da Confederação para se unirem à Alemanha ou à Itália. Hoje, esse princípio é justamente a causa da insatisfação dos suíços franceses.

4. Em 1848, de simples união aduaneira, o Zollverein, dirigido pela Prússia dentro do Santo Império Romano Germânico, indicava que com a Dieta de Frankfurt transformada em Parlamento eleito, levaria os associados econômicos à unificação política. O mesmo ocorria na Península Itálica, onde o Piemonte começara a agir para unificar o país. Naquele momento, pois, a atual Constituição da Suíça era necessária para manter na sua Confederação os cantões de língua alemã e italiana, evitando que se integrassem nos futuros países que se implantariam, em 1870, como entidades geopolíticas.

A Suíça, a exemplo do que ocorre entre os franco-ingleses no Canadá e os valões-flamengos na Bélgica, tem, sem dúvida, que se prevenir. Demonstra a Geopolítica que, num espaço montanhoso como o da Suíça, o núcleo geohistórico adota variadas modalidades de desenvolvimento, sem condicionar aquele núcleo

ao futuro território estatal. Trata-se, na realidade, de simples fenômeno de acomodação no espaço e, no caso suíço, sua evolução histórico-política formou sociedades montanhosas mais ou menos afins, separadas, porém, por fronteiras geohistóricas e mantendo sempre presente a manifestação clara do cantonalismo geopolítico. □

BIBLIOGRAFIA

BEHAR, Pierre. *Une Géopolitique pour l'Europe*. Desjonquères, Paris, 1992.

CHAPUIS, Alfred. *La Suisse dans le Monde*. Librairie Payot, Lausanne, 1939.

DOMINIQUE, David. *Le Continent Européen en Danger de Décomposition*. Le Monde Diplomatique, dezembro de 1992.

MICHAUD, Georges. *Histoire de la Suisse*. Librairie Payot, Lausanne, 1947.

PEREIRA, Martins. "Francófonos Querem mais Autonomia". *O Público — Jornal de Portugal*, 11 de julho de 1995.

WALSER, Hermann. *Geografia de la Suiza*. Colección Labor, Barcelona, 1929.

ZORGBIBE, Charles. *L'Après Guerre Frois en Europe*. Presses Universitaires de France, Paris, 1993.

PRADA — 115 Anos

**Tradicional Fornecedor de Boinas e Chapéus
Para as Forças Armadas**

COMPANHIA PRADA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Dr. Alberto Ferreira, 179 — Limeira-SP — Tel.: (0194) 51-2210 — C.P. 46 — CEP 13480